

O assédio verbal na rua é um fenômeno atual e pouco discutido, muitas vezes confundido com uma simples “cantada” ou paquera, ele se caracteriza por ser um ato de constrangimento, que se dispõe de palavras ofensivas ou gestos de caráter libidinoso. Pode-se atrelar sua inexpressiva visibilidade, tanto dentro do campo social, como no campo acadêmico, à naturalização deste e para compreender como o assédio verbal se tornou tão naturalizado, é necessário compreendê-lo como sintoma de uma sociedade patriarcal desde sua raiz. A imersão do patriarcado é inerente ao advento da propriedade privada e ao longo dos séculos, assim como as propriedades, a mulher foi se tornando um objeto de posse para figura central desse modelo social, isto é, para o homem. Sendo assim, as propriedades que o homem possuía deveriam ser passadas para o primogênito da família, e para isso, ele deveria certificar-se que tal filho é de fato seu e não, de outro. Desse modo, ele passou a exercer um controle sobre o corpo feminino, ela não era mais vista como um ser igual a ele e sim, algo que o pertencia. Ao longo dos séculos, o patriarcalismo foi se desdobrando e se modificando, entretanto duas coisas permaneciam intactas: o potencial de refém da mulher e o de dominador do homem. Os homens passaram a ditar como elas deveriam se vestir, comportar e pensar, de modo que as mulheres passaram a ser moldadas e ensinadas a serem dóceis. Tal relação reverbera até os dias atuais, a partir disso traz-se a tona o fenômeno do assédio verbal na rua, em que o homem, além de se sentir no direito de assediar, desvalida o não consentimento da mulher, por vê-la como um corpo que deveria ser dócil. Mas a questão do assédio não se restringe apenas a uma questão de gênero, nas sociedades marcadas pelo racismo e sexismo, uma matriz de dominação, como o assédio, se caracteriza por opressões que se interseccionam. Isto é, mulheres negras não são oprimidas apenas por serem mulheres, mas também por serem negras, apontando a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Mas tais opressões, ainda mais no dias de hoje, muitas vezes se dão de maneira velada, em que a mulher em posição de vítima não se identifica como tal, configurando-se como uma violência simbólica. Utiliza-se o termo “simbólica”, pois ela é exercida pelas vias subjetivas da comunicação e do conhecimento, e em última instância, do sentimento. E é exatamente por esse sentido subjetivo que a vítima em situações de violência, não compreende tal conjuntura e acaba sendo passiva a ela. o. A partir das discussões levantadas, o objetivo do presente trabalho é compreender e expor como os ideais machistas, fruto da sociedade patriarcal, influenciam na auto culpabilização da mulher ao sofrer assédio nas ruas. A pesquisa, trata-se de um estudo exploratório a partir do método psicanalítico em que será realizado um levantamento de relatos publicado pela campanha “Chega de fiu fiu” de mulheres vítimas de assédio verbal na rua, a partir disso será feita uma leitura flutuante, para podermos analisá-los e sistematizá-los utilizando conceitos como “desmentido” de Sandor Ferenczi. Sob essa ótica, o trabalho pretende trazer maior visibilidade para essa discussão, principalmente no âmbito acadêmico, pois é um tema pouco estudado dentro da academia, para que assim possamos pensar em um reconhecimento e enfrentamento do fenômeno, a fim de romper com a banalização dele.